

Borat Sagdiyev e a Desinformação¹

Bruna MEOTTI SOUZA

Dra. Sílvia PORTO MEIRELLES LEITE

(Universidade Federal de Pelotas / UFPel)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho sintetiza as reflexões realizadas no subcapítulo “Desinformação Institucionalizada”, do trabalho de conclusão de curso “Borat Sagdiyev e a Ética Jornalística”, defendido em outubro de 2024, trazendo um extrato da análise realizada na monografia pertinente ao tema em discussão. Este estudo tem como objetivo analisar como a desinformação é observada na sequência de filmes Borat, considerando a função social de Borat como jornalista e entendendo como a desinformação se manifesta no âmbito social enquanto instrumento ideológico. O objeto de estudo consiste em dois documentários satíricos estrelados por Sacha Baron Cohen, que se disfarça como o jornalista cazaque Borat para interagir com pessoas comuns nos Estados Unidos, que não sabem que estão diante de um ator, a fim de expor incoerências na sociedade americana.

Para atender à proposta da análise, o método empregado na pesquisa é a Análise de Imagens em Movimento (ROSE, 2008). A partir da construção de uma base teórica acerca da desinformação, a análise foca em categorizar diálogos e ações do personagem Borat Sagdiyev, de forma a observar como a desinformação se manifesta em diferentes contextos nos filmes, apontando o personagem tanto como transmissor quanto receptor. As cenas extraídas (unidades de análise) serão organizadas em uma tabela com seus respectivos códigos.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Adentrar a discussão acerca da desinformação exige um entendimento prévio sobre o que é a informação. Ribeiro (2015) utiliza do quadro de Davenport e Prusak para diferenciar dados, informações e conhecimento. Dados são observações factuais isoladas,

¹Resumo expandido de Comunicação Científica apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejour Sul).

além de serem facilmente quantificados e estruturados, também são transferíveis e obtíveis por máquinas. Informações são dados dotados de propósito e relevância, necessitam de mediação humana e consenso quanto ao significado. Por fim, o conhecimento é a carga de síntese e contexto em relação a uma informação, não possui fácil estruturação ou transferência e não é facilmente produzido por máquinas.

Boarini e Ferrari (2020), sintetizam o estudo *Information Disorder* ao distinguir 3 formas de desinformação. Em relação à mensagens carregadas de inverdades ou distorções, as duas primeiras se fazem relevantes para esta pesquisa: 1) mis-information, uma informação falsa disseminada inocentemente, sem a intenção de causar danos; 2) dis-information, uma informação falsa disseminada com a intenção de causar danos.

Na produção dos dois tipos de desinformação, há métodos para a produção e veiculação de um conteúdo, inocentemente ou não. *Fake News*, apesar de não serem o único, são o meio mais associado à disseminação de mensagens desinformativas, dado o formato jornalístico. Para Christofolletti (2018. P. 62): “Fake news não são apenas notícias falsas, mas também plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem, confundam, enganem”. Notícias falsas, portanto, diferentemente de uma desinformação espalhada por mera inocência e ignorância, são produzidas com uma intenção específica; sua motivação e a função possuem tanta relevância quanto o conteúdo em si.

Boarini e Ferrari (2020) apontam a desinformação como um fenômeno crescente em virtude da velocidade de reverberação de um conteúdo na internet, e um fator propulsor para o fato é a possibilidade de uma narrativa fazer uso de novos recursos textuais e audiovisuais. Observa-se um uso exponencial da desinformação e da configuração de redes sociais como ferramentas de campanhas e agendas políticas. E ao abordar a relação entre a desinformação e sua instrumentalização por agendas políticas, adentramos o conceito do negacionismo, uma das manifestações da desinformação.

Segundo o pesquisador Renato Astray, para publicação do Instituto Butantan (2023), o negacionismo é o ato de contrariar uma informação embasada por evidências; a simples negação de algo comprovado cientificamente, em detrimento da conduta questionadora, que é o que de fato faz a ciência avançar. O pesquisador ainda destaca que a verdade científica não é imortal, e que pode ser contestada e refutada por novas descobertas científicas apoiadas por padronizações internacionais em sua comprovação.

Meinerz (2023) observa o avanço de grupos ligados à extrema-direita no Brasil que recorrem a distorções interpretativas a fim de criar bases para suas agendas ideológicas, negligenciando métodos científicos. Deste modo, leigos tem se posicionado como autoridades para contrariar historiadores. Um exemplo prático apresentado é a narrativa acerca da Ditadura Civil-Militar, defendida por grupos ideológicos como um recurso para “salvar o Brasil do comunismo”. Empresas como Brasil Paralelo produzem materiais audiovisuais baseados em falsas evidências para corroborar esta nova versão.

O reforço da distorção de fatos históricos favorece os grupos políticos que se apropriam da narrativa em questão. A negação da ditadura favorece grupos militares-nacionalistas. A negação das consequências da escravidão favorece grupos que promovem o fim das cotas raciais. A negação do holocausto, favorece grupos supremacistas. Meinerz (2023) afirma que ao disseminar desinformações, o negacionismo tem a função de ocultar determinados interesses de um grupo radical.

Para além do negacionismo, as teorias conspiratórias também exercem a mesma função. Meinerz aponta (2023, p. 25): “Uma das últimas conspirações que foram propagadas no cenário internacional e amplamente anexadas no imaginário brasileiro foi a de que o vírus do Covid-19 teria sido “criado em laboratório pelos chineses a fim de a China se beneficiar economicamente com a crise”.

Rêgo (2020) entende o fenômeno da desinformação como um combustível para a cultura do ódio, que se utiliza da fé e do medo para impulsionar a reverberação de ideias prejudiciais. A responsabilidade para tal, é também da esfera política, tanto como agente, quanto vítima.

ANÁLISE E RESULTADOS

Seguindo o método de análise proposto por Rose (2008), e levando em consideração a base teórica construída nesta pesquisa, a análise do objeto de estudo terá os seguintes códigos para associação: A1) desinformação disseminada por profissional jornalista; A2) manifestação de mensagem negacionista e/ou teoria conspiratória; A3) suscetibilidade à manipulação por narrativa desinformativa. As cenas podem ser associadas a um ou mais códigos.

VII ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE JORNALISMO EREJOR SUL

CENAS	DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL	CÓDIGO(S)
Cena 1 - Filme 1 06:48 até 06:57	Borat e seu produtor, Azamat, descem as escadas rolantes do aeroporto com dificuldade.	(Narração de off) Borat: Eu chega no aeroporto da América com roupas, dólares americanos, e um pote de lágrimas de cigano para me proteger da AIDS.	A1
Cena 2 - Filme 1 16:27 até 16:41	Borat está entrevistando um grupo de três ativistas feministas. Sonora telejornalística.	Borat: Acham que uma mulher deveria ser educada? Mulher 1: Com toda certeza! Borat: Mas não é problema a mulher ter um cérebro menor que o de um homem? Mulher 1: Isso é errado. Borat: Mas o cientista do governo, Dr. Yamak, provou que é do tamanho de um esquilo.	A1
Cena 3 - Filme 1 19:14 até 19:27	Borat e Azamat estão conversando de forma exaltada em um restaurante em seu idioma materno. Eles atraem os olhares dos americanos	(Narração de off) Borat: Acabei convencendo o Azamat viajar para a Califórnia e fazer reportagens pelo caminho. Ele insiste não viajar de avião, com medo que judeus repitam ataque 11 de setembro.	A1, A2
Cena 1 - Filme 2 57:18 até 57:40	Tutar está prestes a entrar em um táxi para fugir de Borat. Eles estão discutindo, e Tutar mostra uma matéria falsa em seu celular com o título "Holocausto - Grande mentira". Borat fica visivelmente abalado com a suposta revelação.	Tutar: Eu descobri um novo livro que só diz a verdade, o nome é Facebook. Eu aprendi muita coisa lá. Tipo, o evento de maior orgulho da nossa nação, o holocausto, nunca aconteceu. Borat: Como ousa dizer isso? Tutar: Olha!	A2, A3
Cena 2 - Filme 2 63:37 até 64:20	Borat está na casa de seus novos amigos libertários. para se abrigar durante a quarentena. Eles estão sentados, conversando. A casa possui as bandeiras de Gadsden (dont tread on me) e dos confederados.	Homem 1: Eu acho que veio (Covid) com os democratas, com esse Obama, e acho que tem até a ver com os Clintons, quando eles tavam no poder. Borat: Esses Clintons que fizeram essa praga? Homem 2: É. (...) Homem 2: Dizem que eles torturavam crianças pra ficar com a adrenalina fluindo no corpo, e eles tiravam as glândulas de adrenalina delas e depois bebiam o sangue delas direto do... Homem 1: É, eu já ouvi essas coisas. Borat: Hilary Clinton bebe sangue de crianças? Homem 2: É o que dizem, né? Foi o que eu ouvi. (...) (Narração em off) Borat: Por sorte, eu ser hospedado por dois dos maiores cientistas americanos.	A2, A3
Cena 3 - Filme 2 65:35 até 65:42	Imagens de Borat interagindo com seus amigos.	(Narração em off) Borat: Mesmo que quarentena de vírus fajuto me impedir de encontrar Tutar, Jim e Jerry conseguir maneiras de me alegrar.	A1, A2

Fonte: Bruna Meotti Souza

Observa-se, principalmente, que a conduta profissional de Borat é marcada pela desinformação. Em 4 cenas, ele dissemina mensagens desinformativas, enquanto jornalista trabalhando na gravação de documentários. Em uma das cenas, ele o faz justamente ao realizar uma entrevista com um grupo político. E outro ponto de atenção quanto ao exercício da profissão do personagem, é que em 2 cenas ele ajuda a transmitir ideias negacionistas e conspiratórias que trouxeram muito prejuízo a grupos étnicos e à saúde pública, como a associação do 11 de setembro à comunidade judaica e a afirmação de que o coronavírus seria um “vírus fajuto”.

Nas 2 cenas em que não está disseminando a desinformação, Borat age como o receptor ao aceitar ideias passivamente, sem filtros, e a sua consequente assimilação imediata. Borat acredita com muita facilidade em uma matéria que afirma que o holocausto nunca ocorreu, assim como acredita em duas pessoas leigas que responsabilizam os democratas pelo coronavírus e ainda associam os Clinton à teoria conspiratória do adenocromo. Borat não faz pesquisas em relação ao conteúdo que lhe é apresentado na internet, e ainda considera os dois sujeitos que acabara de conhecer os “maiores cientistas americanos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da análise do objeto de estudo e os resultados obtidos, a primeira conclusão a ser destacada é em relação à função do profissional jornalista. Sabe-se que o erro mais hediondo que um jornalista pode cometer é a disseminação de desinformação, pois isto contraria justamente o propósito primário da profissão. A problemática, no entanto, estende-se à falta de rigor de um profissional da informação ao digerir e aceitar a desinformação, desconsiderando a importância de verificar a veracidade daquilo que lhe é transmitido. Inocência, manipulação e passividade não são características condizentes com a atuação jornalística ética e capacitada.

A análise também nos permite observar a manifestação da desinformação instrumentalizada ideologicamente. Um exemplo claro é a cena em que dois libertários, apoiadores de Trump, proferem teorias conspiratórias sobre os Democratas e a família Clinton. Por mais absurdo que seja o conteúdo do filme, é necessário ter em mente que Borat é um ator disfarçado entre pessoas reais em situações reais, que manifestam seus

pensamentos livremente. E compreender que “mentiras” atuam como instrumentos muito efetivos na manipulação e na construção de narrativas anticientíficas é essencial para a adaptação do jornalismo, enquanto ferramenta de informação e reverberação da realidade, para enfrentar ameaças à construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOARINI, Margareth; FERRARI, Pollyana. *A desinformação é o parasita do século XXI*. Organicom, São Paulo, v. 17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro. Rumores, n. 23, v. 12, p. 56-82, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/144229/140804>. Acesso em: 5 ago. 2024.

INSTITUTO BUTANTAN. O que é negacionismo e por que ele atrasa a evolução do conhecimento: ciência avança com dúvida e questionamento, não com negação. Portal do Butantan, 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/o-que-e-negacionismo-e-por-que-ele-atrasa-a-evolucao-do-conhecimento--ciencia-avanca-com-duvida-e-questionamento-nao-com-negacao>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MEINERZ, Marcos. *O negacionismo do holocausto como estratégia política contemporânea: uma análise a partir de discursos de extrema-direita difundidos entre os séculos XX e XXI*. História em Reflexão, v. 17, n. 33, p. 21-51, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/16126>. Acesso em: 25 ago. 2024

RÊGO, Ana Regina. *Vigilância, controle e atenção: a desinformação como estratégia*. Organicom, São Paulo, v. 17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/180753>. Acesso em: 25 ago. 2024.

RIBEIRO, Denize Euzébio. *O conceito de informação e conhecimento sob a ótica dos docentes do Curso de Biblioteconomia UFCA*. Folha de Rostto, Juazeiro do Norte, 2015. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/52020>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ROSE, Diana. *A análise de imagens em movimento*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 343-364. Acesso em: 7 set. 2024